

Técnicas de Comunicação Visual

Técnicas de Comunicação Visual

As técnicas visuais oferecem ao designer uma grande variedade de meios para a expressão visual do conteúdo. Existem como polaridades de um continuum, ou como abordagens desiguais e antagônicas do significado. A fragmentação, o oposto da técnica da unidade, é uma excelente opção para demonstrar movimento e variedade, como se vê na figura 6.3. Como funcionaria enquanto estratégia compositiva que refletisse a natureza de um hospital? A análise dessa natureza e um projeto que a representasse em termos compositivos deveria seguir o mesmo padrão, em busca de descrições verbais eficazes. Sem dúvida, a "fragmentação" enquanto técnica é uma péssima escolha para fazer uma associação com um centro médico, embora seja ótima para dar mais vida ao anúncio de uma querimesse paroquial. O significado interior de ambos os exemplos determina as opções de que dispõe o designer para representá-los. Essas opções constituem o controle do efeito, o que vai resultar numa composição forte. As técnicas visuais não devem ser pensadas em termos de opções mutuamente excludentes para a construção ou a análise de tudo aquilo que vemos. Os extremos de significado podem ser transformados em graus menores de intensidade, a exemplo da graduação de tons de cinza entre o branco e o preto. Nessas variantes encontra-se uma vastíssima gama de possibilidades de expressão e compreensão. As sutilezas com- positivas de que dispõe o designer devem-se em parte à multiplicidade de opções, mas as técnicas visuais também são combináveis e interatuantes em sua utilização compositiva. É preciso esclarecer um ponto: as polaridades técnicas nunca devem ser sutis a ponto de comprometer a clareza do resultado. Embora não seja necessário utilizá-las apenas em seus extremos de intensidade, devem seguir claramente um ou outro caminho. Se não forem definíveis, tornar-se-ão transmissores ambíguos e ineficientes de informação. O perigo é especialmente sério na comunicação visual, que opera com a velocidade e a imediatez de um canal de informação.

Seria impossível enumerar todas as técnicas disponíveis, ou, se o fizéssemos, dar-lhes definições consistentes. Aqui, como acontece a cada passo da estrutura dos meios de comunicação visual, a interpretação pessoal constitui um importante fator. Contudo, levando-se em conta essas limitações, cada técnica e seu oposto podem ser definidos em termos de uma polaridade.

Equilíbrio / Instabilidade

Depois do contraste, o equilíbrio (fig. 6.4) é o elemento mais importante das técnicas visuais. Sua importância fundamental baseia-se no funcionamento da percepção humana e na enorme necessidade de sua presença, tanto no design quanto na reação diante de uma manifestação visual. Num continuum polar, seu oposto é a instabilidade. O equilíbrio é uma estratégia de design em que existe um centro de sus- pensão a meio caminho entre dois pesos. A instabilidade (fig. 6.5) é a ausência de equilíbrio e uma formulação visual extremamente inquietante e provocadora.

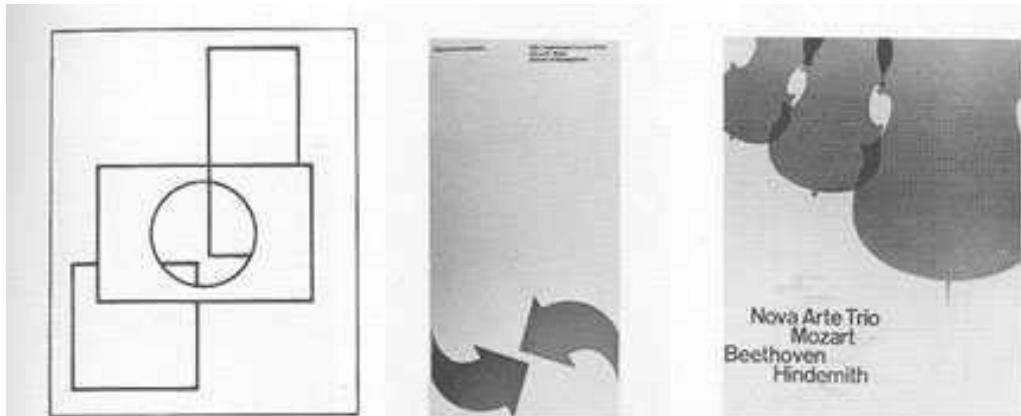


FIGURA 6.4. EQUILÍBRIO



FIGURA 6.5. INSTABILIDADE

Simetria / Assimetria

o equilíbrio pode ser obtido numa manifestação visual de duas .j maneiras: simétrica (fig. 6.6) e as simetricamente (fig. 6.7). Simetria é equilíbrio axial. É uma formulação visual totalmente resolvida, em que cada unidade situada de um lado de uma linha central é rigorosamente repetida do outro lado. Trata-se de uma concepção visual caracteriza- da pela lógica e pela simplicidade absolutas, mas que pode tornar-se 1. estática, e mesmo enfadonha. Os gregos veriam na assimetria um equilíbrio precário, mas, na verdade, o equilíbrio pode ser obtido através da variação de elementos e posições, que equivale a um equilíbrio de " compensação". Nesse tipo de design, o equilíbrio é complicado, uma! vez que requer um ajuste de muitas forças, embora seja interessante 1 e fecundo em sua variedade.

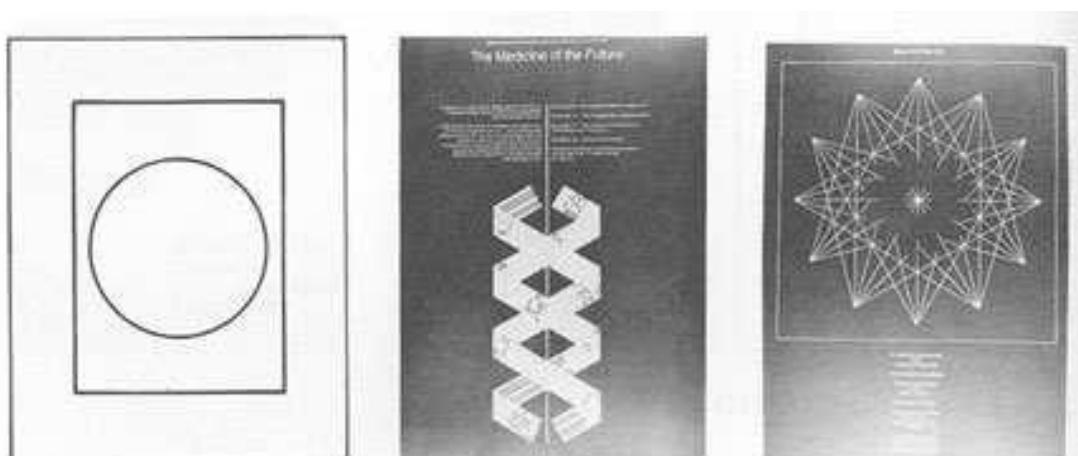


FIGURA 6.6. SIMETRIA



FIGURA 6.7. ASSIMETRIA

Regularidade / Irregularidade

A regularidade (fig. 6.8) no design constitui o favorecimento da uniformidade dos elementos, e o desenvolvimento de uma ordem baseada em algum princípio ou método constante e invariável. Seu oposto é a irregularidade (fig. 6.9), que, enquanto estratégia de design, enfatiza o inesperado e o insólito, sem ajustar-se a nenhum plano decifrável.



FIGURA 6.8. REGULARIDADE

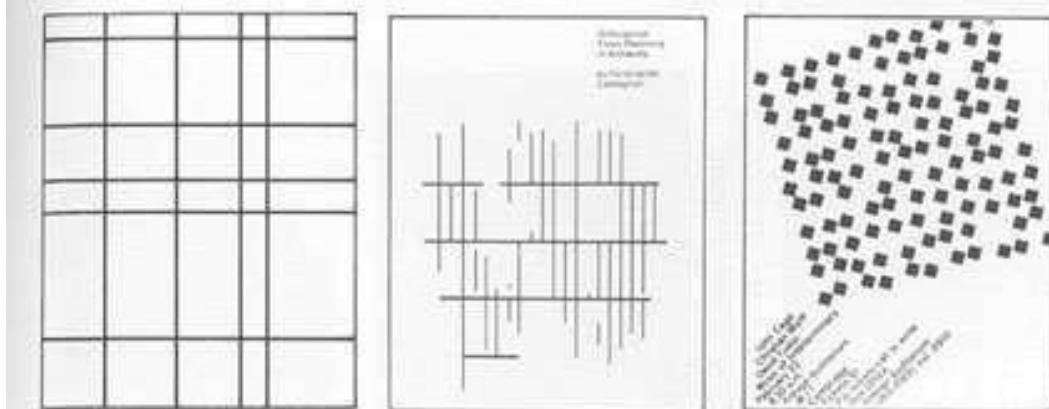


FIGURA 6.9. IRREGULARIDADE

Simplicidade / Complexidade

A ordem contribui enormemente para a síntese visual da simplicidade (fig. 6.10), uma técnica visual que envolve a imediatez e a uniformidade da forma elementar, livre de complicações ou elaborações secundárias. Sua formulação visual oposta, a complexidade (fig. 6.11), compreende uma complexidade visual constituída por inúmeras unidades e forças elementares, e resulta num difícil processo de organização do significado no âmbito de um determinado padrão.



FIGURA 6.10. SIMPLICIDADE

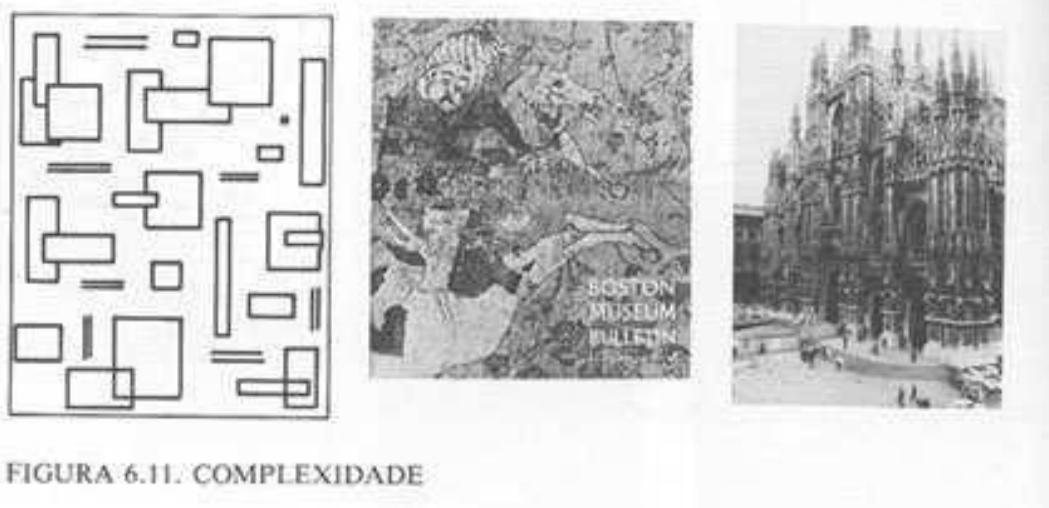


FIGURA 6.11. COMPLEXIDADE

Unidade / Fragmentação

As técnicas de unidade (fig. 6.12) e fragmentação (fig. 6.13) são parecidas com as da simplicidade-complexidade, e envolvem estratégias de design que conservam o mesmo parentesco. A unidade é um equilíbrio adequado de elementos diversos em uma totalidade que se percebe visualmente. A junção de muitas unidades deve harmonizar- se de modo tão completo que passe a ser vista e considerada como uma única coisa. A fragmentação é a decomposição dos elementos e unidades de um design em partes separadas, que se relacionam entre si mas conservam seu caráter individual.

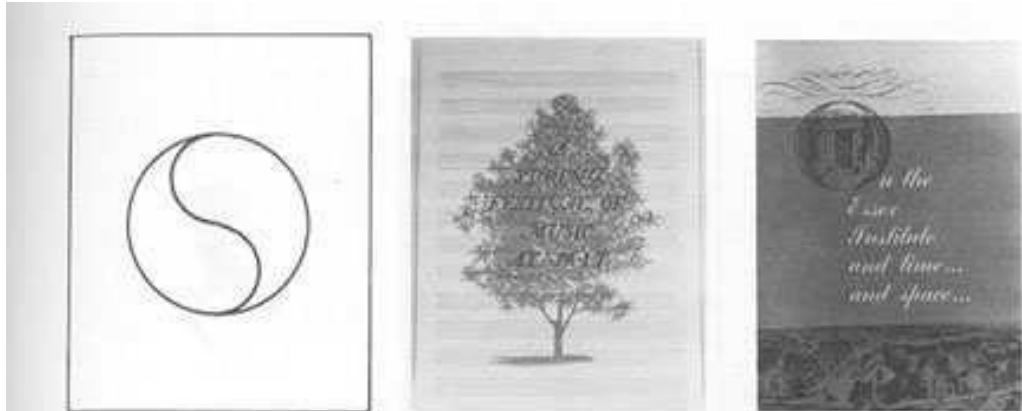


FIGURA 6.12. UNIDADE

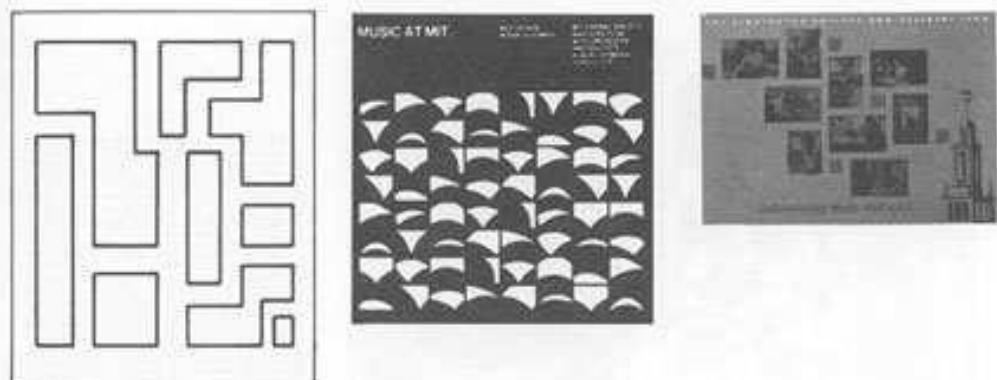


FIGURA 6.13. FRAGMENTAÇÃO

Economia / Profusão

A presença de unidades mínimas de meios de comunicação visual é típica da técnica da economia (fig. 6.14), que contrasta de muitas maneiras com seu oposto, a técnica da profusão (fig. 6.15). A economia é uma organização visual parcimoniosa e sensata em sua utilização dos elementos. A profusão é carregada em direção a acréscimos discursivos infinitamente detalhados a um design básico, os quais, em termos ideais, atenuam e embelezam através da ornamentação. A profusão é uma técnica de enriquecimento visual associada ao poder e à riqueza, enquanto a economia é visualmente fundamental e enfatiza o conservadorismo e o abrandamento do pobre e do puro.

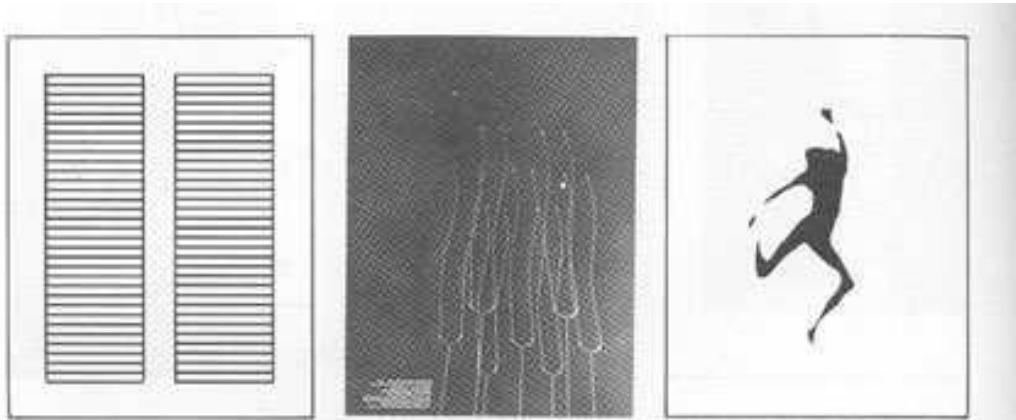


FIGURA 6.14. ECONOMIA

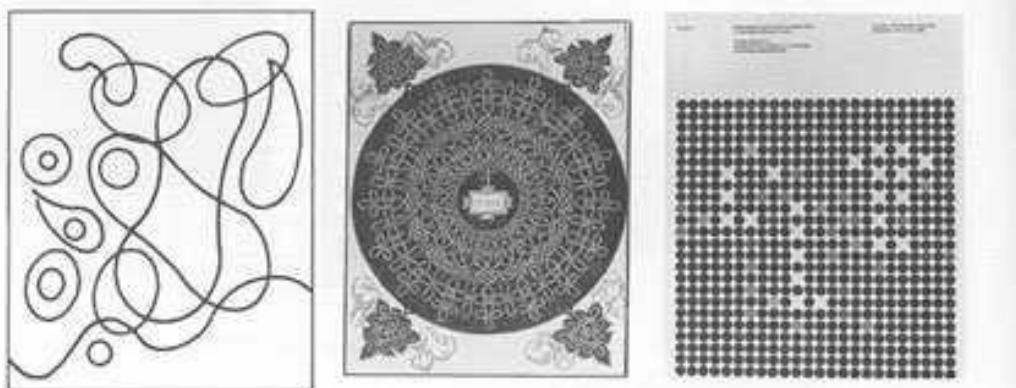


FIGURA 6.15. PROFUSÃO

Minimização / Exagero

A minimização (fig. 6.16) e o exagero (fig. 6.17) são os equivalentes intelectuais da polaridade economia-profusão, e prestam-se a fins parecidos, ainda que num contexto diferente. A minimização é uma abordagem muito abrandada, que procura obter do observador a máxima resposta a partir de elementos mínimos. Na verdade, em sua estudada tentativa de criar grandes efeitos, a minimização é a perfeita imagem especular de sua polaridade visual, o exagero. A seu próprio modo, cada uma toma grandes liberdades com a manipulação dos detalhes visuais. Para ser visualmente eficaz, o exagero deve recorrer a um relato profuso e extravagante, ampliando sua expressividade para muito além da verdade, em sua tentativa de intensificar e amplificar.

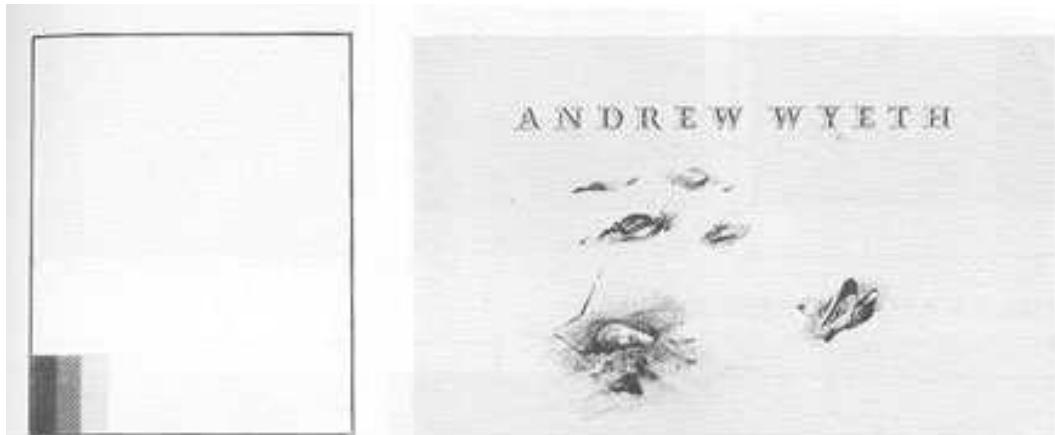


FIGURA 6.16. MINIMIZAÇÃO

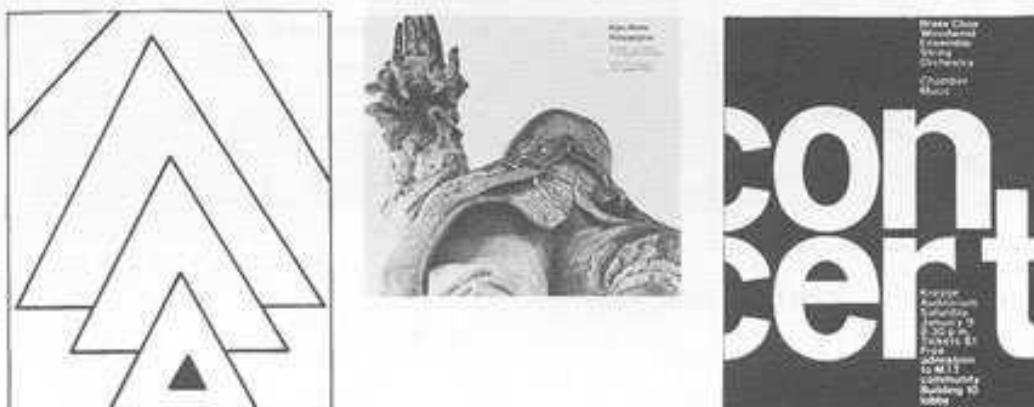


FIGURA 6.17. EXAGERO

Previsibilidade / Espontaneidade

A previsibilidade (fig. 6.18) sugere, enquanto técnica visual, alguma ordem ou plano extremamente convencional. Seja através da experiência, da observação ou da razão, é preciso ser capaz de prever de antemão como vai ser toda a mensagem visual, e fazê-lo com base num mínimo de informação. A espontaneidade (fig. 6.19), por outro lado, caracteriza-se por uma falta aparente de planejamento. É uma técnica saturada de emoção, impulsiva e livre.

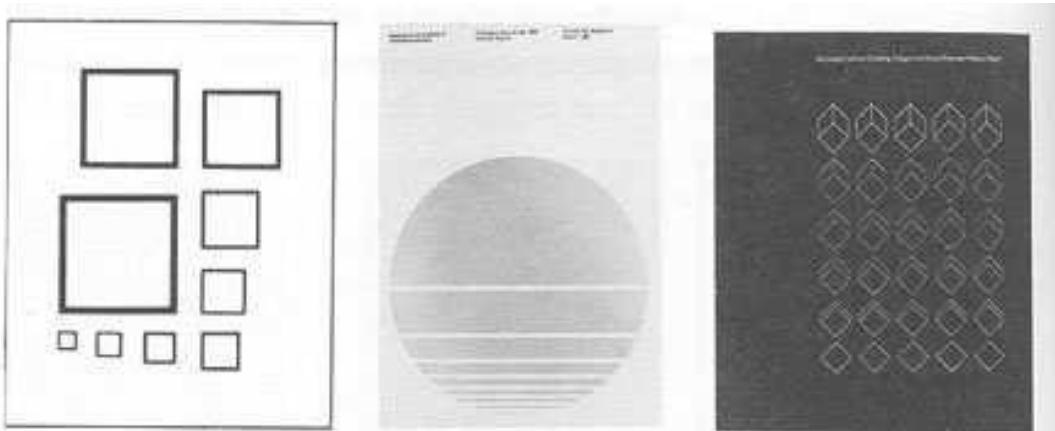


FIGURA 6.18. PREVISIBILIDADE

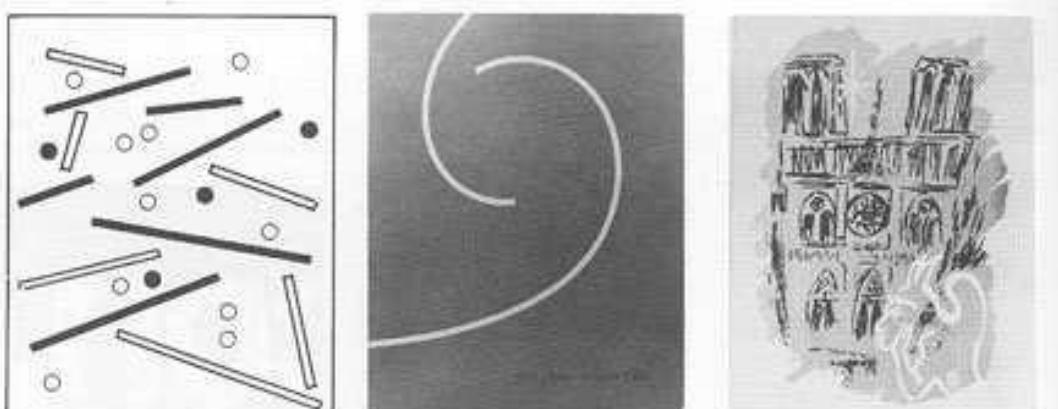


FIGURA 6.19. ESPONTANEIDADE

Atividade / Estase

A atividade (fig. 6.20) como técnica visual deve refletir o movimento através da representação ou da sugestão. A postura enérgica e estimulante de uma técnica visual ativa vê-se profundamente modificada na força imóvel da técnica de representação estática (fig. 6.21), \ a qual, através do equilíbrio absoluto, apresenta um efeito de repouso e tranqüilidade.



FIGURA 6.20. ATIVIDADE

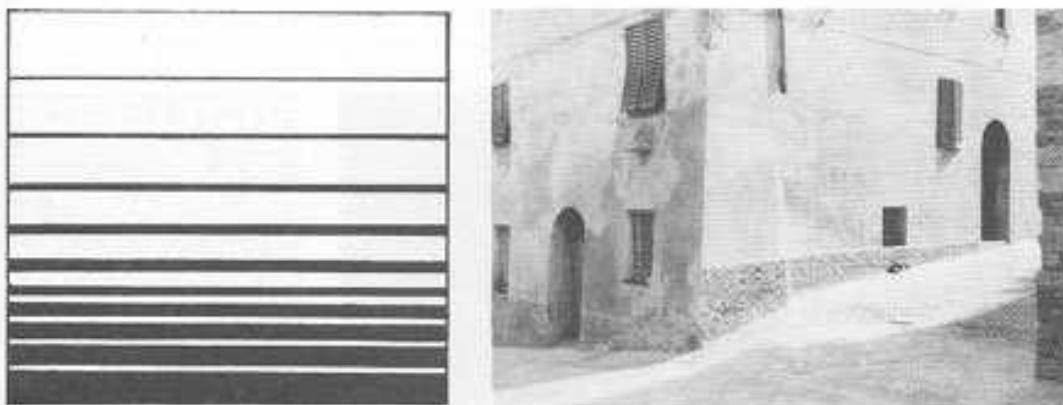


FIGURA 6.21. ESTASE

Sutileza / Ousadia

Numa mensagem visual, a sutileza é a técnica que escolheríamos para estabelecer uma distinção apurada, que fugisse a toda obviedade e firmeza de propósito. Embora a sutileza (fig. 6.22) sugira uma abordagem visual delicada e de extremo requinte, deve ser criteriosamente concebida para que as soluções encontradas sejam hábeis e inventivas. A ousadia (fig. 6.23) é, por sua própria natureza, uma técnica visual óbvia. Deve ser utilizada pelo designer com audácia, segurança e confiança, uma vez que seu objetivo é obter a máxima visibilidade.

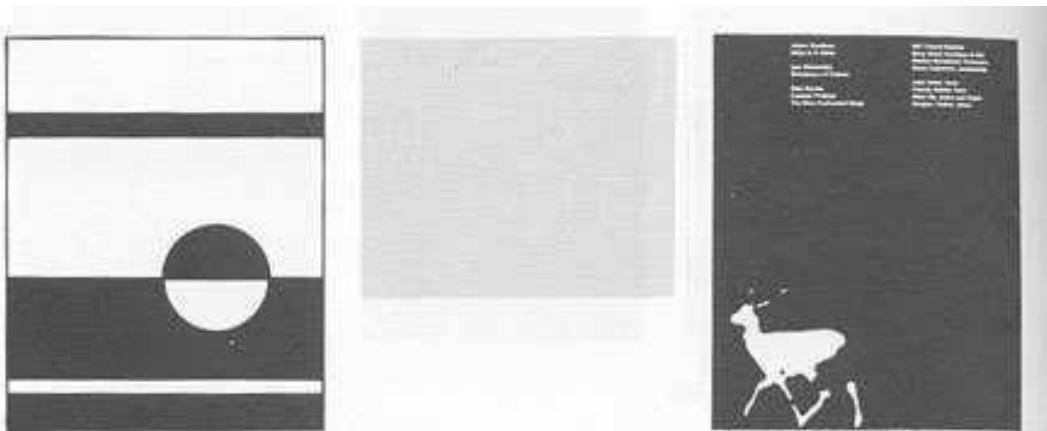


FIGURA 6.22. SUTILEZA



FIGURA 6.23. OUSADIA

Neutralidade / Ênfase

Um design que parecesse neutro (fig. 6.24) seria, em termos, quase uma contradição, mas na verdade há ocasiões em que a configuração menos provocadora de uma manifestação visual pode ser o procedimento mais eficaz para vencer a resistência do observador, e mesmo sua beligerância. Muito pouco da atmosfera de neutralidade é perturbada pela técnica da ênfase (fig. 6.25), em que se realça apenas uma coisa contra um fundo em que predomina a uniformidade.

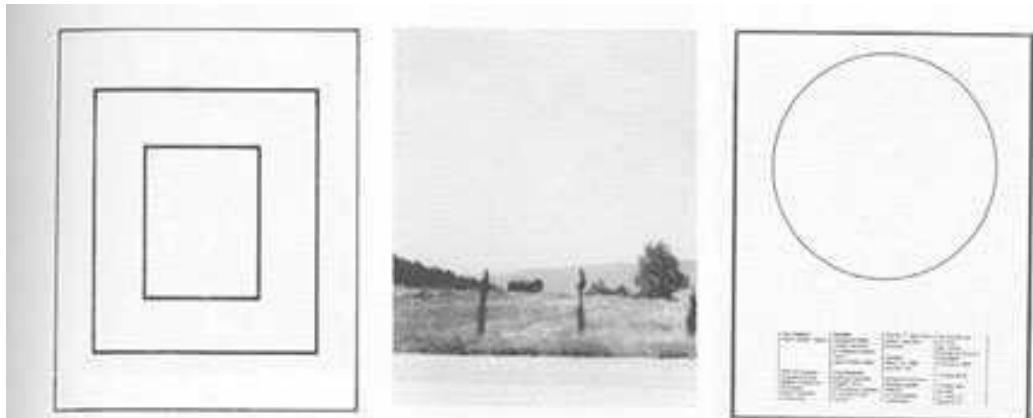


FIGURA 6.24. NEUTRALIDADE



FIGURA 6.25. ÊNFASE

Transparência / Opacidade

As polaridades técnicas de transparência (fig. 6.26) e opacidade (fig. 6.27) definem-se mutuamente em termos físicos: a primeira envolve detalhes visuais através dos quais se pode ver, de tal modo que o que lhes fica atrás também nos é revelado aos olhos; a segunda é exatamente o contrário, ou seja, o bloqueio total, o ocultamento, dos elementos que são visualmente substituídos.

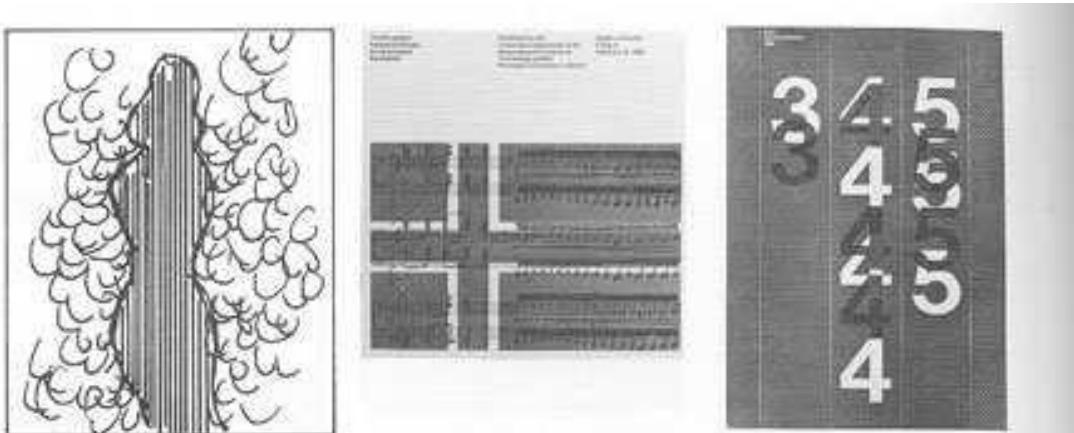


FIGURA 6.26. TRANSPARÊNCIA



FIGURA 6.27. OPACIDADE

Estabilidade / Variação

A estabilidade (fig. 6.28) é a técnica que expressa a compatibilidade visual e desenvolve uma composição dominada por uma abordagem temática uniforme e coerente. Se a estratégia da mensagem exige mudanças e elaborações, a técnica da variação (fig. 6.29) oferece diversidade e sortimento. Na composição visual, contudo, essa técnica reflete o uso da variação na composição musical, no sentido de que as mutações são controladas por um tema dominante.

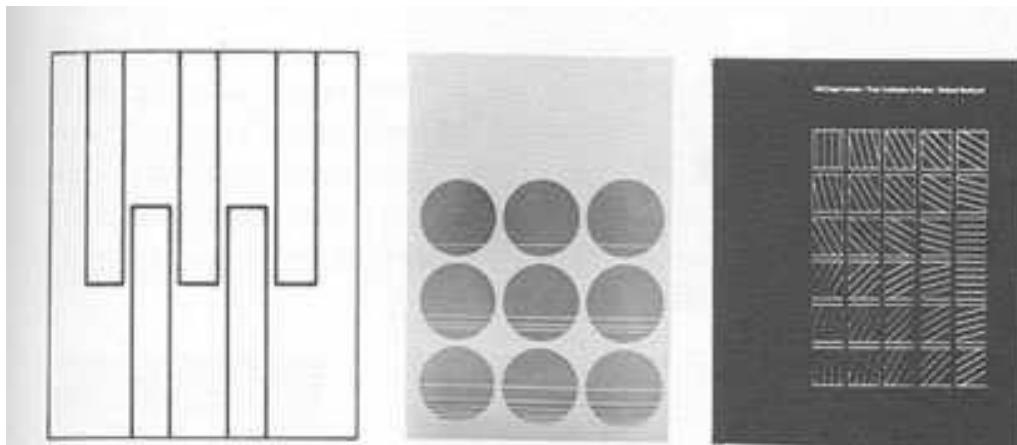


FIGURA 6.28. ESTABILIDADE

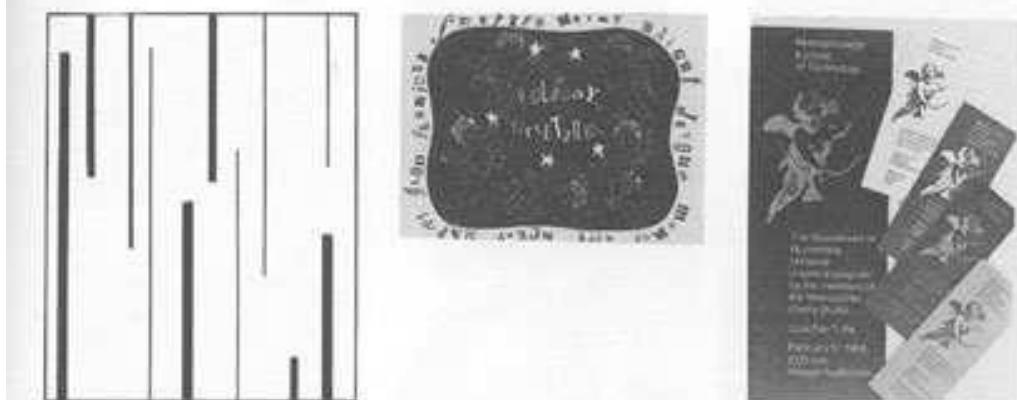


FIGURA 6.29. VARIAÇÃO

Exatidão / Distorção

A exatidão (fig. 6.30) é a técnica natural da câmera, a opção do ~ artista. Nossa experiência visual e natural das coisas é o modelo do realismo nas artes visuais, e sua utilização pode implicar muitos truques e convenções destinados a reproduzir as mesmas pistas visuais que o olho transmite ao cérebro. A câmera segue os padrões do olho, reproduzindo, consequentemente, muitos de seus efeitos. Para o artista, o uso da perspectiva reforçada pela técnica do claro-escuro pode sugerir o que vemos diretamente em nossa experiência. Mas são ilusões óticas. É exatamente esta a denominação que, em pintura, se dá à forma mais estudada e intencional de exatidão: *trompe'oeit*. A distorção (fig. 6.31) adultera o realismo, procurando controlar seus efeitos através do desvio da forma regular, e, em alguns outros casos, até mesmo da forma verdadeira. É uma técnica que responde bem à composição visual mar- cada por objetivos intensos, dando, nesse sentido, excelentes respostas quando bem manipulada.

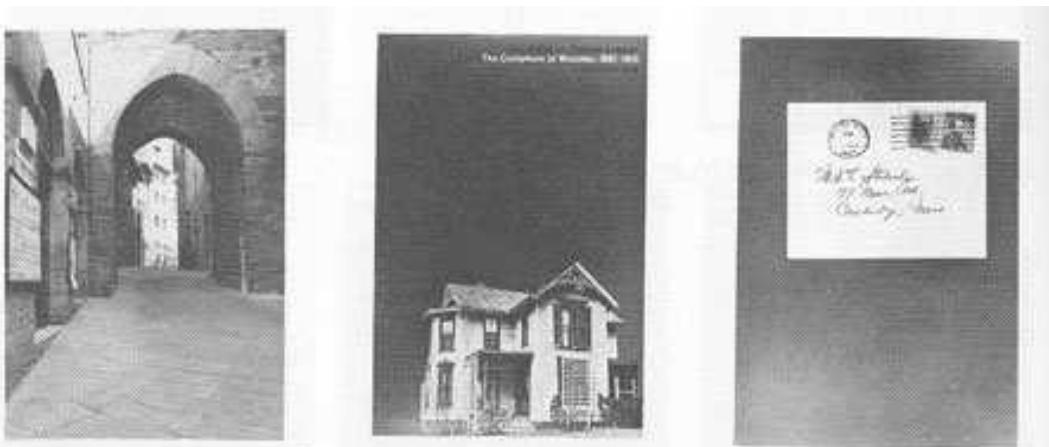


FIGURA 6.30. EXATIDÃO



FIGURA 6.31. DISTORÇÃO

Planura / Profundidade

Essas duas técnicas são basicamente regidas pelo uso ou pela ausência de perspectiva, e são intensificadas pela reprodução da informação ambiental através da imitação dos efeitos de luz e sombra e característicos do claro-escuro (fig. 6.32, 6.33), com o objetivo de sugerir ou de eliminar a aparência natural de dimensão.

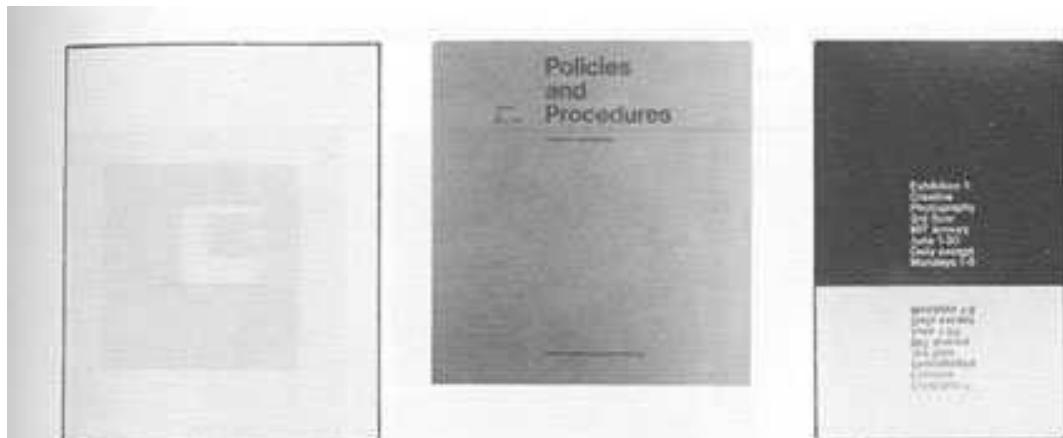


FIGURA 6.32. PLANURA

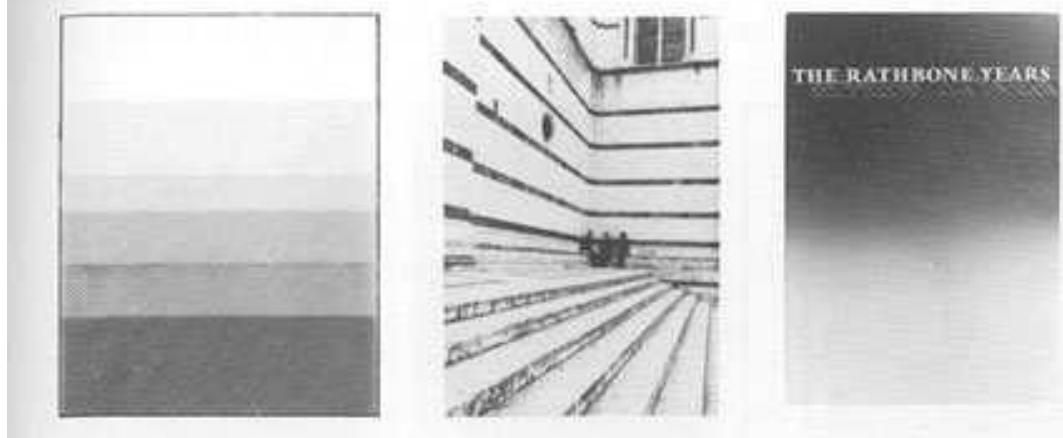


FIGURA 6.33. PROFUNDIDADE

Singularidade / Justaposição

A singularidade (fig. 6.34) equivale a focalizar, numa composição, um tema isolado e independente, que não conta com o apoio de quaisquer outros estímulos visuais, tanto particulares quanto gerais. A mais forte característica dessa técnica é a transmissão de uma ênfase específica. A justaposição (fig. 6.35) exprime a interação de estímulos visuais, colocando, como faz, duas sugestões lado a lado e ativando 4 a comparação das relações que se estabelecem entre elas.

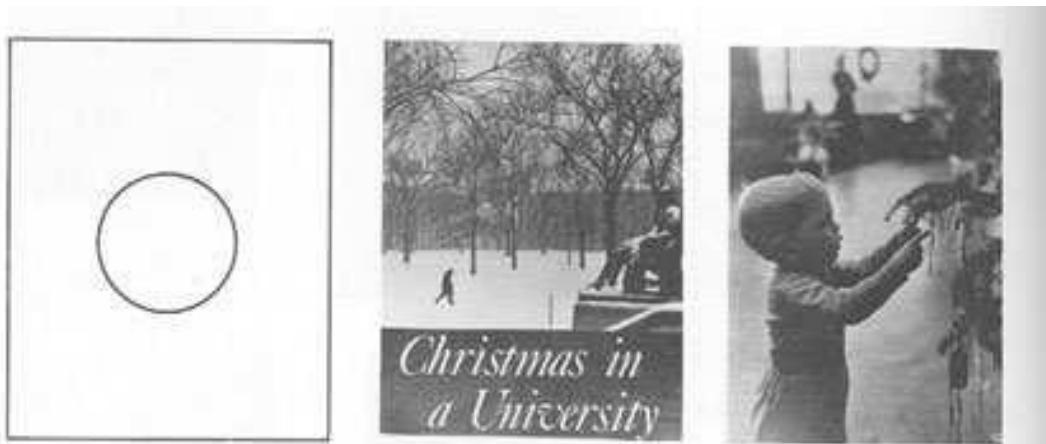


FIGURA 6.34. SINGULARIDADE

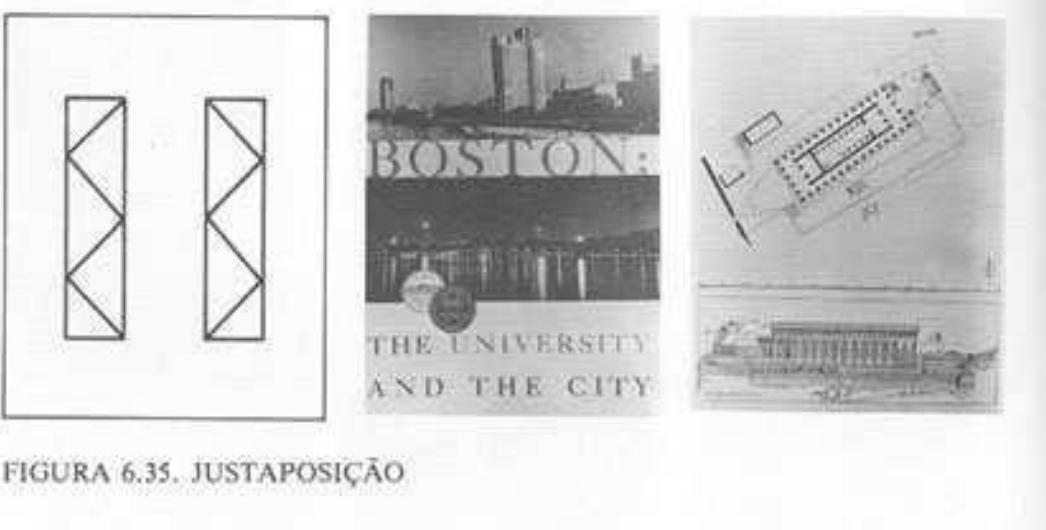


FIGURA 6.35. JUSTAPOSIÇÃO

Seqüencialidade / Acaso

No design, uma ordenação seqüencial (fig. 6.36) baseia-se na resposta compositiva a um projeto de representação que se dispõe numa ordem lógica. A ordenação pode seguir uma fórmula qualquer, mas em geral envolve uma série de coisas dispostas segundo um padrão rítmico. Uma técnica casual (fig. 6.37) deve sugerir uma ausência de planejamento, uma desorganização intencional ou a apresentação acidental da informação visual.

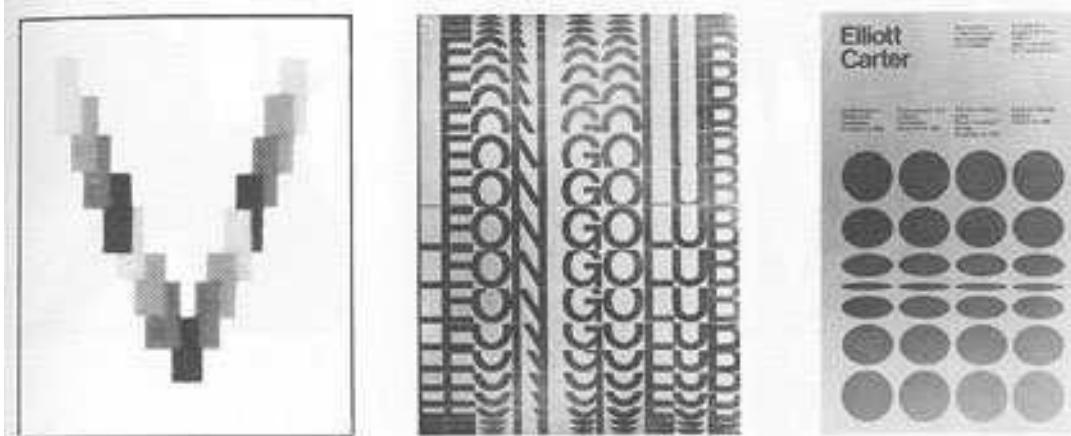


FIGURA 6.36. SEQÜENCIALIDADE

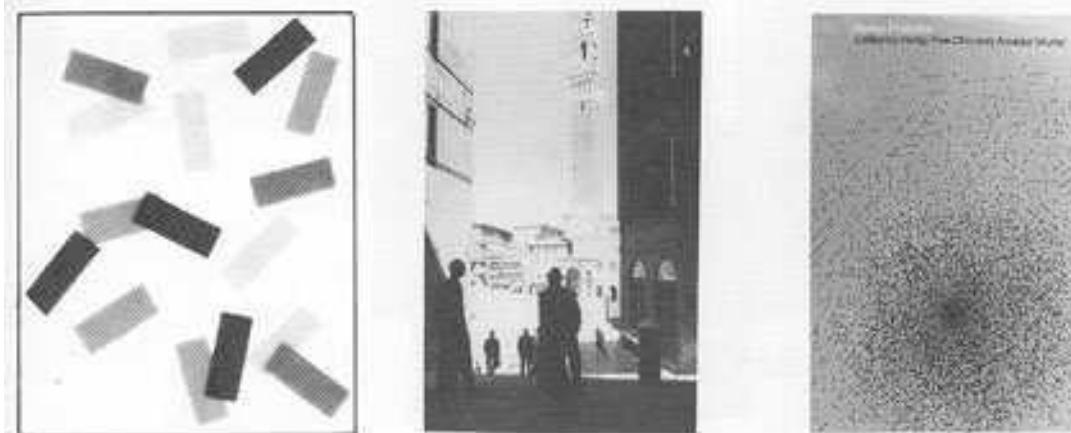


FIGURA 6.37. ACASO

Agudeza / Difusão

A agudeza (fig. 6.38) como técnica visual está estreitamente ligada à clareza do estado físico e à clareza de expressão. Através da precisão e do uso de contornos rígidos, o efeito final é claro e fácil de interpretar.

A difusão (fig. 6.39) é suave, preocupa-se menos com a precisão e mais com a criação de uma atmosfera de sentimento e calor.

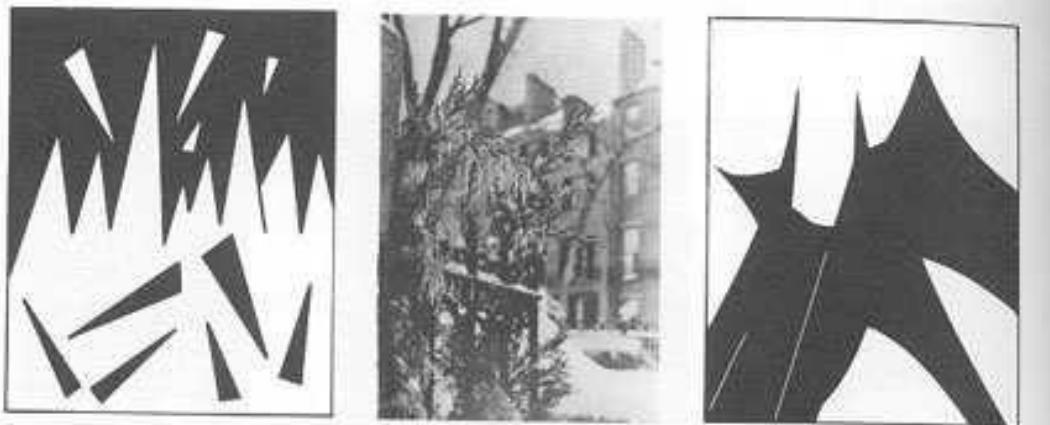


FIGURA 6.38. AGUDEZA

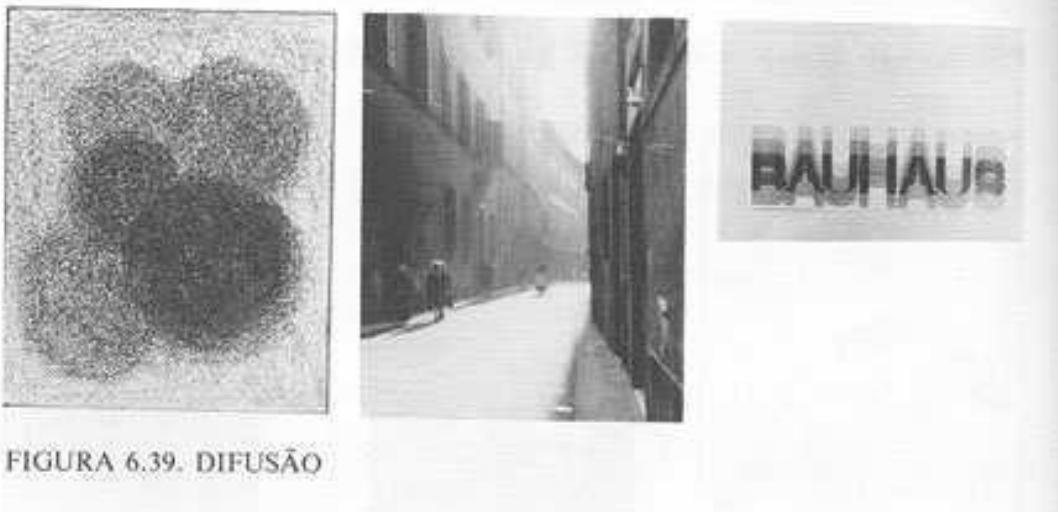


FIGURA 6.39. DIFUSÃO

Repetição / Episodicidade

A repetição (fig. 6.40) corresponde às conexões visuais ininterruptas que têm importância especial em qualquer manifestação visual unicida. No cinema, na arquitetura e nas artes gráficas, a continuidade não se define apenas pelos passos ininterruptos que levam de um ponto a outro, mas também por ser a força coesiva que mantém unida uma composição de elementos díspares. As técnicas episódicas (fig. 6.41) indicam, na expressão visual, a desconexão, ou, pelo menos, apontam para a existência de conexões muito frágeis. É uma técnica que reforça a qualidade individual das partes do todo, sem abandonar por completo o significado maior.

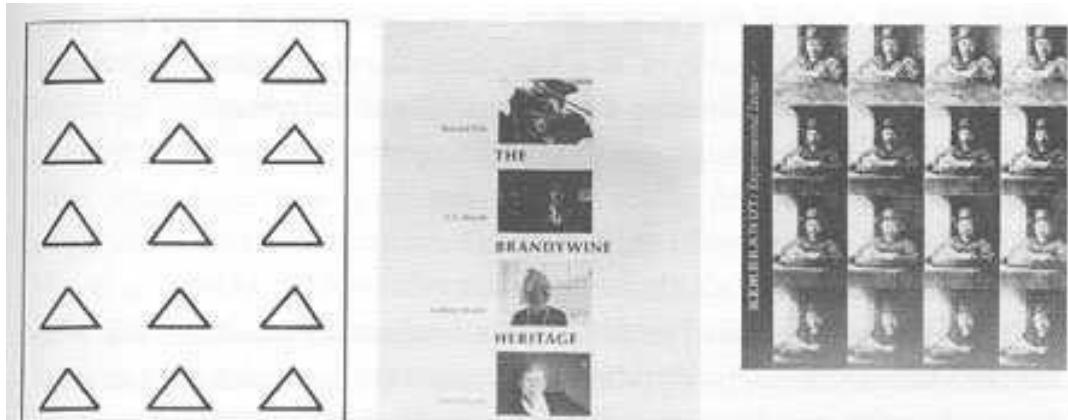


FIGURA 6.40. REPETIÇÃO

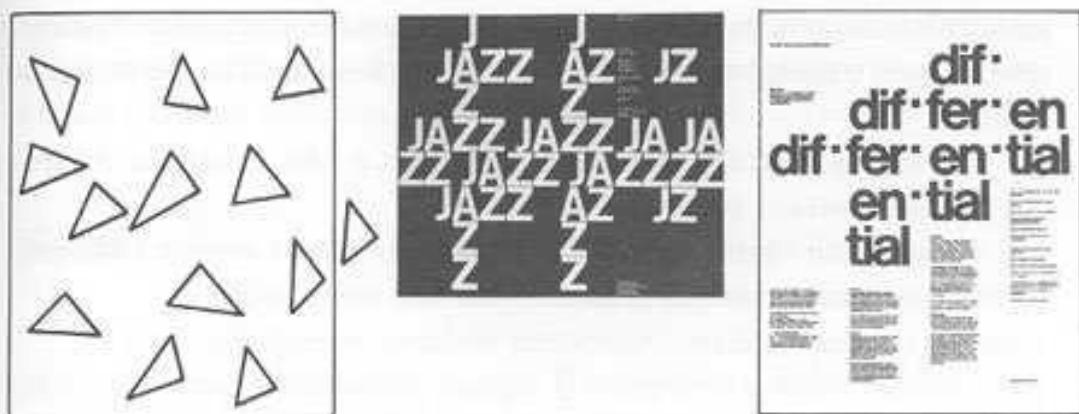


FIGURA 6.41. EPISODICIDADE

Essas técnicas são apenas alguns dos muitos possíveis modificadores de informação que se encontram à disposição do designer. Quase todo formulador visual tem sua contrapartida, e cada um está ligado ao controle dos elementos visuais que resultam na configuração do conteúdo e na elaboração da mensagem. Muitas outras técnicas visuais podem ser exploradas, descobertas e empregadas na composição, sempre no âmbito da polaridade ação-reação: luminosidade, embaçamento, cor, monocromatismo; angularidade, rotundidade; verticalidade, horizontalidade; delineamento, mecanicidade; interseção, paralelismo. Seus estados antagônicos de polaridade dão ao compositor visual uma grande oportunidade de aguçar, graças à utilização do contraste, a obra em que são aplicados.

Em todo esforço compositivo, as técnicas visuais se sobrepõem ao significado e o reforçam; em conjunto, oferecem ao artista e ao leigo os meios mais eficazes de criar e compreender a comunicação visual expressiva, na busca de uma linguagem visual universal.